

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL - DIURNO**

Cássia de Freitas Pereira

**AS INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO
DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

Cássia de Freitas Pereira

**AS INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO
DO SUJEITO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Educação
Especial, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para
obtenção do título de **Licenciada
em Educação Especial**.

Orientadora: Prof^a Dr^a Andréia Jaqueline Devalle Rech

Santa Maria, RS,
2017

Cássia de Freitas Pereira

**AS INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO
DO SUJEITO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Especial, da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Educação Especial.

Aprovada em 05 de dezembro de 2017:

Andréia Jaqueline Devalle Rech, Dra. (UFSM)
(presidente/orientador)

Soraia Napoleão Freitas, Dra. (UFSM)

Tatiane Negrini, Dra. (UFSM)

Priscila Fonseca Bulhões. Me. (UFSM - suplente)

Santa Maria, RS,
2017

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e carinho de pessoas que estavam ao meu lado. Entre elas, especialmente, agradeço:

À Deus, por tudo!

Aos meus pais Amaril e Cleusa pelo apoio, amparo e carinho em todos os momentos. O apoio de vocês foi essencial no decorrer desses quatro anos de graduação. Agradeço a vocês terem me dado à vida e ensinado muitos valores que certamente contribuíram para minha formação humana, tudo que sou devo a vocês.

Ao restante da minha família, cunhados e sobrinhos, mas em especial aos meus irmãos Cristiane e Ateros, pelo companheirismo e conselhos ao decorrer da minha vida. Vocês são meus maiores exemplos.

A Prof.^a Andréia Jaqueline Devalle Rech, minha orientadora. Obrigada pela compreensão e amizade. Pelas inúmeras vezes que acreditou e apoiou no que eu estava prestes a desenvolver nesta pesquisa. Você sabe que és muito especial na minha vida, principalmente na minha trajetória acadêmica.

A Prof.^a Soraia Napoleão Freitas, que me “acolheu” no grupo de pesquisa logo no início da minha graduação e que tive a honra que conviver em um período curto, mas que foi muito gratificante cheio de aprendizados e ensinamentos.

Ao querido grupo GPESP. Pelo incentivo e palavras amigas em todos os momentos. Sem dúvidas, vocês são muito importantes nesse processo. Por terem acompanhado meus passos na UFSM e me ajudado a me tornar a profissional que vou ser.

Aos professores do Centro de Educação que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e as professoras orientadoras dos estágios.

Agradeço também a todos os meus amigos pela compreensão e motivação no decorrer dessa jornada. Em especial as minhas amigas Mariela e Raquel, obrigada pela amizade de longos anos e pelo companheirismo de sempre.

Não poderia finalizar estes agradecimentos sem mencionar as famílias que aceitaram a participar desta pesquisa, contribuindo assim para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

AS INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

AUTORA: Cássia de Freitas Pereira
ORIENTADORA: Andréia Jaqueline Devalle Rech

O presente trabalho buscou discutir as altas habilidades/superdotação (AH/SD) e as influências geneticamente e socialmente nessas características. Ao pensar nesses sujeitos com características de AH/SD, pensamos também em diversas influências que exercem nessas características como, por exemplo, o meio em que vivem. Diante disso, o tema que este trabalho aborda vem ao encontro das influências genéticas e ambientais para esse sujeito. Para verificar esse estudo, o objetivo geral foi compreender de que forma a família influencia geneticamente e/ou socialmente o filho com AH/SD. O aporte teórico que embasou esta pesquisa foram os autores: Renzulli (2014), Gardner (1995), Freitas e Pérez (2010), Virgolim (2007), Winner (1998), Feldhusen (1992), Lobo (2008), Rech (2016), entre outros. Além do mais, para a realização desse trabalho, nos caminhos metodológicos, optou-se pela abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso (MINAYO, 2013) a partir de uma entrevista semiestruturada com familiares do sujeito identificado com AH/SD. Os sujeitos participantes da pesquisa foram: a mãe, os avós maternos, o pai e os avós paternos. As entrevistas foram analisadas de forma descritiva articuladas com o referencial teórico que subsidiou esse trabalho. Com os resultados e a análise dos dados, percebeu-se que as influências genéticas e do ambiente estão presentes nos familiares do sujeito com AH/SD, principalmente a partir dos relatos das histórias de vida dos participantes. As considerações finais apontaram para as relações das memórias da narrativa de vida com as características de AH/SD, evidenciou que essas características foram passadas de gerações a gerações.

Palavras-chave: Altas Habilidades/superdotação. Família. Genética. Ambiente.

ABSTRACT

THE INFLUENCES OF THE FAMILY AND ITS IMPLICATIOIS IN THE DEVELOPMENT OF THE INDIVIDUAL WITH HIGH SKILLS/GIFTEDNESS

AUTHOR: Cássia de Freitas Pereira
ADVISER: Andréia Jaqueline Devalle Rech

The present paper aimed to discuss the high skills/ giftedness (HSG) and its influences genetically and socially in these characteristics. When thinking about these individuals with HSG characteristics, we also think in many influences that fulfil in these characteristics, such as, for an example, the environment that they live. Before that, the subject that this paper studies comes to meet the genetic and environmental influences for this individual. To verify this study, the general objective comprehended that in what way the family influences genetically and/or socially the child with HSG. The theoretical input that substantiate this research were the authors: Renzulli (2014), Gardner (1995), Freitas e Pérez (2010), Virgolim (2007), Winner (1998), Feldhusen (1992), Lobo (2008), Rech (2016), among others. In addition, for the realization of this paper, in the methodological ways, it was chosen the qualitative approach, study of case type (MINAYO, 2013) from an interview semi structured with the family of the individual identified with HSG. The individual participants of the research were: the mother, the maternal grandparents, the father and the paternal grandparents. The interviews were analysed in a descriptive way, articulated with the theoretical reference that subsidized this paper. With the results and the analysis of the data, it was noticed that the genetic and environmental influences are present the family of the individual with HSG, mainly from the story of life of the participants. The final considerations pointed to the relation of the memories of the narrative of life with the HSG characteristics, it was highlighted that these characteristics were passed from generation to generation.

Keyword: High Skills/Giftedness. Family. Genetic. Environment.

LISTA DE ANEXO

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	57
--	----

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A – Roteiro de Entrevista – Versão familiares	61
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA	12
3	OBJETIVOS	16
3.1	Objetivo geral	16
3.2	Objetivos específicos	16
4	REFERÊNCIAL TEÓRICO	17
4.1	ALTAS HABILIDADES/ SUPERDOTAÇÃO: CONHECER PARA ENTENDER	17
4.2	INFLUÊNCIAS SOCIAIS E GENÉTICAS NA CONSTITUIÇÃO DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	21
4.3	A FAMÍLIA E AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	24
5	METODOLOGIA	27
5.1	PARTICIPANTES DA PESQUISA	29
5.2	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	29
6	ANÁLISE DOS DADOS	31
6.1	CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR: O PERFIL DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES	31
6.2	HISTÓRIAS DE VIDA: NARRANDO ACERCA DAS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE CADA SUJEITO	34
6.2.1	História de vida familiar materna	34
6.2.2	História de vida familiar paterna	38
6.3	HISTÓRIA DE VIDA DO SUJEITO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES	43
6.4	MEIO AMBIENTE E GENÉTICA: INFLUÊNCIAS ACERCA DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	47
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53
	ANEXO	57
	APÊNDICE	61

1. INTRODUÇÃO

Logo, quando ingressei como acadêmica no curso de Educação Especial na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tive inquietações, dúvidas e curiosidades ao estudar e saber mais sobre os sujeitos com características de altas habilidades/superdotação (AH/SD).

No início da minha trajetória acadêmica, entre todos os assuntos que foram apresentados no curso, o que mais me chamou a atenção foi sobre o tema das AH/SD. Lembro-me do seminário inicial na Disciplina de Fundamentos da Educação Especial I¹ onde foram apresentados diferentes trabalhos, cada um sobre uma temática do curso. Logo, pela minha curiosidade, optei pela temática das AH/SD e procurei saber mais sobre o assunto.

Diante disso, com intuito de ampliar meus conhecimentos na área das AH/SD, procurei me informar quais professores pesquisavam sobre esse tema e fui direcionada até a Professora Dra. Soraia Napoleão Freitas. A referida professora lidera o Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social – GPESP, que contempla projetos de pesquisa e extensão sobre as AH/SD.

Desse modo, ainda no primeiro semestre da graduação ingressei nos projetos de pesquisa e extensão, atuando como bolsista de iniciação científica no projeto de extensão intitulado: “Programa de Incentivo ao Talento - PIT: valorizando potenciais”. A partir de então, as atividades dos projetos foram sendo desenvolvidas e então eu fui descobrindo mais e me deparando com todos os assuntos que envolvem a temática das AH/SD.

É relevante destacar que permaneci no GPESP durante toda a graduação, o que contribuiu para o meu aperfeiçoamento na área, inclusive oportunizando que eu participasse e apresentasse trabalhos em congressos de âmbito nacional e internacional.

Também, durante minha atuação nesses três anos no projeto de extensão, pude acompanhar o envolvimento de familiares com filhos com AH/SD. Assim, surgiu uma nova inquietação. Como **problema** da pesquisa: a família influencia geneticamente e/ou socialmente o filho com AH/SD?

Ourofino e Guimarães (2007, p. 43) colaboram para essa inquietação discutindo que:

¹ Disciplina ministrada pela Professora Dra. Tatiane Negrini no ano de 2014.

A superdotação entendida como um fenômeno multidimensional, agrega todas as características de desenvolvimento do indivíduo, abrangendo tanto aspectos cognitivos quanto características afetivas, neuropsicomotoras e de personalidade.

De acordo com as autoras, a superdotação abrange todos esses aspectos nas características apresentadas por esses indivíduos somados aos contextos culturais e históricos como também questões genéticas.

Além disso, o contexto familiar pode contribuir também com o processo de desenvolvimento dessas características de AH/SD. Desse modo, acredita-se na importância deste estudo deve ser ampliado e debatido, pois essas inquietações surgidas deverão ser analisadas e conseqüentemente estudadas agora e futuramente.

2. JUSTIFICATIVA

Ao pensar no sujeito com características de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), logo vêm em mente indivíduos com habilidades comportamentais, emocionais e intelectuais como também traços singulares que se manifestam em diferentes espaços em que vivem. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 15) destaca esses alunos com as seguintes características:

[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

É preciso salientar, que alguns sujeitos ainda não são devidamente reconhecidos nos âmbitos em que vivem, sejam escolar ou familiar. Contudo, é importante a identificação e conseqüentemente um atendimento adequado para atender as especificidades dos alunos com AH/SD.

Winner (1998) ao falar das características da pessoa superdotada caracteriza da seguinte forma: apresentar um desempenho superior em uma ou mais áreas, comparados à população geral da mesma faixa etária. Além do mais, Winner ressalta que as crianças superdotadas parecem aprender de forma mais veloz que as demais de sua idade, necessitando de pouca intervenção de um adulto. Em relação à aprendizagem, a autora destaca que os alunos com AH/SD apresentam uma aprendizagem com instrução mínima além de serem curiosos e demandarem de muita energia.

Assim, verifica-se que as pessoas com AH/SD apresentam comportamentos superdotados em diferentes ambientes, sejam eles sociais e/ou educacionais.

Ourofino e Guimarães (2007, p. 44) contribuem salientando que:

a superdotação, devido a sua natureza multidimensional, abarca uma infinidade de variáveis e características que se manifestam simultaneamente, mediando o desenvolvimento de comportamentos superdotados.

No entanto, o foco desse estudo vai além da identificação. A relação desses indivíduos com a família são pontos fundamentais, pois o meio familiar é um dos contextos iniciais em que o indivíduo se relaciona. Além disso, compreende-se que é na família que advém os primeiros processos como também as primeiras

socializações. Ao mencionar as famílias de crianças com AH/SD, Delou (2007, p. 52) corrobora:

É fundamental conhecer o modo como funcionam as famílias de crianças e adolescentes com altas habilidades/superdotação para a compreensão dos efeitos do desenvolvimento diferenciado destes indivíduos e do impacto, na família, da notícia de que um dos seus membros é superdotado.

Assim, a família precisa estar preparada para compreender as especificidades desses indivíduos, para que auxiliem em seu desenvolvimento. Além disso, compreender como esses fatores familiares influenciam na superdotação também é um dos pontos principais dessa pesquisa.

Winner (1998) ressalta que existe uma forte associação entre superdotação e ambientes familiares enriquecidos. Desse modo, ambientes que estimulam e enriquecem o desenvolvimento do sujeito favorece nas suas habilidades, ao contrário de um ambiente sem estímulos.

Além do mais, Winner (1998, p. 149) salienta que:

As famílias focalizam de duas formas no desenvolvimento da criança superdotada: um ou ambos pais dispõem uma grande quantidade de tempo, eles próprios, estimulando e ensinando a criança ou fazem sacrifícios para que a criança receba treinamento de alto nível dos melhores professores disponíveis. Em ambos os casos a vida familiar é totalmente organizada em torno das necessidades da criança.

Desse modo, percebe-se que a família influencia no desenvolvimento das habilidades do sujeito com AH/SD por meio de fatores culturais e genéticos, mas ressalta-se que o meio social também exercerá influência nesse desenvolvimento.

A partir disso, salienta-se a relevância dessa pesquisa, uma vez que a mesma pretende analisar as características das AH/SD presentes em familiares de gerações anteriores, buscando conhecer os aspectos genéticos e/ou culturais presentes nesses familiares.

Poucos estudos abordam sobre a temática da família e as AH/SD. Com o intuito de realizar o estado da arte mais atualizado, foi feito um levantamento de dados coletados no site da Revista Educação Especial da UFSM, nos últimos quatro anos, entre 2013 a 2017. Durante o período estipulado foram encontrados 89 artigos com as temáticas: inclusão; transtorno do espectro do autismo; inclusão educacional; formação de professores; superdotação; educação de surdos; tecnologia assistiva; deficiência física; altas habilidades/superdotação; entre outras. Essa pesquisa foi realizada através de uma coleta de dados nas revistas publicadas

em edições entre 2013 a 2017.

Ao pesquisar a partir do descritor “altas habilidades/superdotação”, no período entre 2013 e 2017 verificou-se um total de nove trabalhos publicados. Foram abordados assuntos como: inclusão de alunos com AH/SD; família e AH/SD; programas de enriquecimento para alunos com AH/SD; escolarização da criança com AH/SD; políticas públicas e identificação.

Já no descritor “superdotação”, foi encontrado apenas um registro datado do ano de 2014, tendo como título: “Modelo de enriquecimento para toda a escola: um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação” de autoria de Joseph Renzulli. Com o descritor “altas habilidades”, também foi encontrado na revista do ano de 2014 somente um artigo, esse intitulado: “Neurociências, altas habilidades e implicações no currículo”, autoria de Amauri Betini Bartoszeck. Já com o descritor “família”, na revista do ano de 2016 foi encontrado um artigo intitulado: “O Perfil dos Profissionais da Unidade de Apoio à Família dos Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação”, autoria de Viviane Tramontina Leonessa e Maria Cristina Marquezine. Já com o descritor “familiares”, foi encontrado na revista do ano de 2013 o trabalho: “Intervenção precoce à distância e acompanhamento por familiares de crianças e bebês em situação de risco de problemas de desenvolvimento e de comportamento agressivo no Peru”, autoria de Rosa Oyama-Ganiko, Liliana Mayo-Ortega, Stephen Schroeder e Judith LeBlanc.

Sobre os descritores “genética” e “ambiente” nenhum trabalho foi citado nesses temas nos periódicos da revista citada acima.

Dessa maneira, salienta-se que, em especial nesse trabalho de conclusão de curso, será abordado o desenvolvimento da história da família, para além de conhecer o sujeito identificado com AH/SD, buscando, também, compreender de que forma se constitui a família do mesmo.

Ao mencionar os fatores biológicos e culturais do sujeito, existe um processo cultural onde é mediado pela linguagem. Somos constituídos biologicamente e socialmente. Vygotski (2011, p. 864), afirma que:

A palavra social, aplicada à nossa disciplina, possui um importante significado. Antes de mais nada, em seu sentido mais amplo, essa palavra indica que tudo o que é cultural é social. A cultura também é produto da vida em sociedade e da atividade social do homem e, por isso, a própria colocação do problema do desenvolvimento cultural já nos introduz diretamente no plano social do desenvolvimento.

Compreende-se, então que o processo cultural juntamente com o social é um ponto fundamental para o processo de desenvolvimento do sujeito. Visto que a cultura também é importante na constituição da sociedade. Além disso, Papalia (2009, p. 14) afirma que:

Quando consideramos uma determinada pessoa, a pesquisa relativa a quase todas as características aponta, no entanto, para uma combinação de hereditariedade e experiência. Assim, embora a inteligência apresente um forte componente hereditário, a estimulação parental, a educação, a influência dos amigos e outras variáveis também a afetam.

Assim, os fatores genéticos e ambientais serão pontos primordiais para o processo dessa pesquisa, pois relacionar esses assuntos discutindo com a temática das AH/SD será de suma importância para a continuação desse estudo na academia.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender de que forma a família influencia geneticamente e/ou socialmente o filho com altas habilidades/superdotação.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Narrar a história de vida familiar do sujeito com altas habilidades/superdotação;
- Investigar quais aspectos culturais influenciam no desenvolvimento do sujeito com altas habilidades/superdotação;
- Analisar de que modo os fatores genéticos influenciaram nas características de altas habilidades/superdotação identificadas no sujeito pesquisado.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: CONHECER PARA ENTENDER

A Educação Especial, em colaboração com a educação comum, atua para que o aluno público da educação especial tenha direito a serviços para proporcionar uma educação de qualidade. Também, atua para que se proporcione uma educação inclusiva. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p.15), assegura o direito para esses estudantes, salientando que:

na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir na proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação [...].

Assim, como todos os alunos público-alvo da Educação Especial, o aluno com AH/SD também necessita de uma educação de qualidade, para atender suas demandas e potencializar suas habilidades.

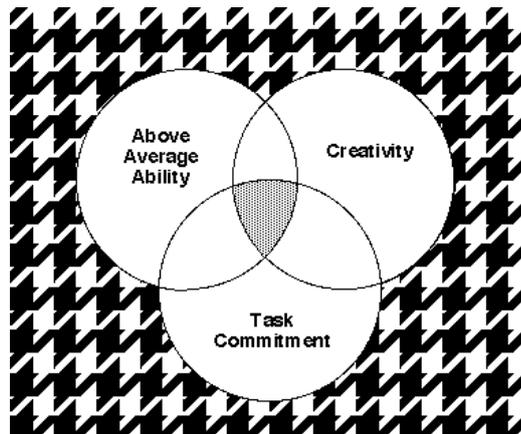
Porém, nesse capítulo vou discorrer além dos direitos desse aluno, e sim, sobre quem é esse sujeito com AH/SD e suas características.

Arroyo, Martorell e Tarragó (2006) questionam quem são esses sujeitos superdotados? Elas respondem que são aquelas pessoas com potencial intelectual muito elevado e com uma alta capacidade de ideias novas e originais.

Segundo o pesquisador norte americano Joseph Renzulli o qual aborda a concepção das AH/SD através do Modelo dos Três Anéis (Figura 1), onde envolve três características: habilidade acima da média, criatividade e comprometimento com a tarefa. Esses três indicadores descritos no Modelo Triádico de Renzulli (2014) envolvem-se entre si podendo se manifestar em uma ou mais áreas, fazendo com que o sujeito tenha condições de se destacar na mesma. No entanto, um único anel não corresponde a superdotação. Além disso, há influências como o ambiente e os fatores de personalidade que também podem influenciar nessa característica.

A seguir, estão descritos cada um dos Anéis que compõem o Modelo Triádico proposto por Renzulli.

Figura 1: Modelo dos Três Anéis



Fonte: Renzulli (1986)

Habilidade acima da média: Pode ser caracterizada em dois aspectos: habilidade geral e habilidade específica. A primeira diz respeito à capacidade de processar informações, resultando em respostas adequadas e adaptadas a diferentes situações. Já a habilidade específica caracteriza-se quando a pessoa adquire conhecimento em uma ou mais áreas específicas. Assim, o aluno apresenta interesse em determinadas áreas específicas e busca ampliar seus conhecimentos (RENZULLI, 2014).

Criatividade: É a capacidade de apropriar-se de diferentes informações para encontrar soluções, demonstrando interesse em produzir algo tendo como uma das características a originalidade, flexibilidade, sensibilidade e pensamento divergente (RENZULLI, 2014).

Comprometimento com a tarefa: É o interesse que o aluno deposita em uma determinada proposta ou área específica do seu interesse, caracterizando-se pela motivação, empenho e persistência em uma tarefa (RENZULLI, 2004).

Além do mais, ao falar em superdotação, o autor dividiu em dois tipos: a produtivo-criativa e a escolar ou acadêmica.

Para Renzulli (2014, p.5), ao definir a superdotação produtivo-criativa, descreve que:

aqueles aspectos da atividade humana e do envolvimento nos quais se recompensa o desenvolvimento de materiais e produtos originais que são propositalmente elaborados para terem um impacto em uma ou mais audiências. As situações de aprendizagem elaboradas para promover a superdotação produtivo-criativa enfatizam o uso e aplicação de informações (conteúdo) e habilidades de pensamento de uma forma integrada, indutiva e orientada para problemas reais.

Assim, o aluno produtivo-criativo é instigado para utilizar seu pensamento para ser um produtor de conhecimentos. Já a superdotação acadêmica, segundo Renzulli (2004, p. 82) “é o tipo mais facilmente mensurado pelos testes padronizados de capacidade e, desta forma, o tipo mais convenientemente utilizado para selecionar alunos para os programas especiais”.

A superdotação acadêmica pode se manifestar em diferentes níveis. Além de ser facilmente identificada pelos testes padronizados de inteligência. Porém, Renzulli salienta que, apenas os testes de Q.I. (Quociente de Inteligência) não serão uma ferramenta para que o aluno obtenha sucesso escolar. Um aluno inteligente não significa que seja superdotado, uma vez que precisa existir a interação dos três anéis para que aconteça a superdotação.

No entanto, ao falar das AH/SD, quando mencionada na descrição da política educacional (BRASIL, 2008), fica evidente os comportamentos e características que podem ser visualizadas em diferentes maneiras de cada sujeito, de acordo com suas especificidades.

Dessa forma, é relevante compreender, para além das características desses sujeitos, como as inteligências norteiam as habilidades desses alunos. Assim, evidencia-se as pesquisas de Howard Gardner (1995), mais especificamente acerca dos seus estudos pela Teoria das Inteligências Múltiplas.

Gardner (1995) propôs que os seres humanos são capazes de desenvolver sete inteligências, que são elas: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal e intrapessoal. Com o passar dos anos, o autor expandiu seus estudos e complementou com a oitava inteligência, a naturalista. Assim, apresenta-se brevemente cada uma delas.

A Inteligência Linguística é a inteligência onde se evidencia a facilidade com as palavras, o sujeito que se destaca é bastante imaginativo e comunicativo. A Inteligência Lógico-matemática apresenta como destaque a facilidade com a matemática, geométrica e raciocínios lógicos. A Inteligência espacial pode-se dizer que é a capacidade de perceber formas e objetos com facilidade, mesmo visto de diferentes ângulos.

Já a Inteligência Corporal-cinestésica apresenta-se em o sujeito ter habilidades em expressar-se com o corpo. A motricidade geralmente é característica dessa inteligência. Já a Inteligência Musical, caracteriza-se por captar facilmente os

diferentes sons musicais, ritmos e melodias, como também facilidade em reconhecer sua intensidade e direcionalidade.

A Inteligência interpessoal caracteriza-se em o sujeito ter a capacidade de compreensão com os outros, conseguir perceber as intenções e desejos do outro mesmo que ele omita. Já a Inteligência intrapessoal é a capacidade de compreender-se a si próprio, lidar com suas próprias emoções como também a autoestima e automotivação.

Logo, a última inteligência apresentada por Gardner foi a naturalista, que relaciona a pessoas que tem como características “[...] grande experiência no reconhecimento e na classificação de numerosas espécies – a flora e a fauna – de seu ambiente” (GARDNER, 2000, p. 64).

No entanto, a nona inteligência mencionada pelo autor, a inteligência existencial, ainda está em estudos, portanto o autor ainda não comprovou sua existência.

Assim, é importante salientar que essas inteligências nem sempre são percebidas em um primeiro contato com o aluno. Além do mais, os alunos com AH/SD apresentam suas características próprias e necessitam de um atendimento voltado as suas demandas específicas. Freitas e Pérez (2010, p. 5) destacam que:

[...] o professor no cotidiano escolar precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, bem como trabalhar diferentes ‘potencialidades’, estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando com isso uma educação de qualidade.

Assim, salienta-se a importância do acompanhamento da família juntamente com a escola para o desenvolvimento adequado das habilidades desses sujeitos com AH/SD. Como também conhecer o processo de desenvolvimento para além de suas características, para que assim tenha uma qualidade no ensino adequada.

4.2 INFLUÊNCIAS SOCIAIS E GENÉTICAS NA CONSTITUIÇÃO DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Os sujeitos que se destacam por apresentarem características de Altas habilidades/superdotação (AH/SD) são um público de muitas curiosidades e inquietações perante a sociedade. Sobre os alunos com AH/SD, Virgolim (2007, p. 34) corrobora que:

Alunos superdotados diferem uns dos outros também por seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade, e principalmente por suas necessidades educacionais.

Esses sujeitos se diferenciam uns dos outros por suas habilidades e suas características. Além do mais, esses indivíduos encontram-se em vários ambientes da sociedade, sejam eles ambientes sociais, educacionais ou familiares. Vale ressaltar também que, em algumas situações esses sujeitos não se sentem aceitos no meio social em que estão inseridos por se sentirem diferentes dos demais.

Além disso, algumas vezes, acabam recusando suas habilidades com o objetivo de se enquadrarem em certos grupos sociais. Essas concepções que a sociedade impõe são errôneas, prejudicando o desenvolvimento e a qualidade de vida desses sujeitos com AH/SD.

No entanto, a discussão desse capítulo discorre sobre os fatores que influenciam nessas características, como os fatores genéticos e os ambientais.

Para Winner (1998), as crianças superdotadas são precoces. Elas se desenvolvem mais rápido do que outras crianças por apresentarem maior facilidade em uma área do conhecimento. Porém, conforme ressaltam Freeman e Guenther (2000) o fato de que nem todos os adultos que se tornaram eminentes foram crianças precoces. Virgolim (2007, p. 23) complementa:

Há múltiplos fatores que interferem na trajetória de vida de uma criança precoce além do nível de habilidade, como os atributos de personalidade, a motivação em buscar a excelência, o ambiente familiar propício para o desenvolvimento das habilidades e as oportunidades que aparecerão no decurso de sua vida.

Vários fatores sociais e ambientais podem influenciar no desenvolvimento da habilidade desses sujeitos. Além da motivação e vontade de aprender são causas

fundamentais para o desenvolvimento, dependendo também de um ambiente enriquecido sejam eles educacionais ou sociais.

No entanto, ao falar sobre influências de interação genética e do ambiente no desenvolvimento das habilidades desses sujeitos, Feldhusen (1992 apud VIRGOLIM, 2007, p. 34) afirma que:

os talentos de uma pessoa surgem, por um lado, de uma habilidade geral que nos é dada por nossa disposição genética. Assim, uma pessoa com alta capacidade em uma área provavelmente herdou uma disposição genética dos pais ou parentes próximos. Por outro lado, a superdotação também dependeria das experiências no lar e na escola, dos estilos de aprendizagem e dos interesses e motivações únicas de cada aluno. Pensando nesta perspectiva, a predisposição genética nos dá a extensão em que uma determinada habilidade poderia desenvolver. Exatamente por ser uma predisposição, isto não significa que seja um fator determinante; significa apenas que, dadas as condições propícias do ambiente, aquela disposição pode se concretizar.

Assim, as interações com o meio são importantes para o desenvolvimento das habilidades desses sujeitos. As influências genéticas são hereditárias e compõem os fatores que influenciam também nas AH/SD. Além disso, questões peculiares como os interesses e intenções de cada aluno também são primordiais e enriquecedores.

Além do mais, Mosquera, Stobäus e Freitas (2013, p. 403) salientam que “cada pessoa, além de contar com uma carga genética determinada e única, vive experiências que fazem com que sua personalidade se configure de determinada maneira”.

No entanto, Plomin (1997 apud VIRGOLIM, 2007, p. 34) corrobora:

tanto a genética quanto o ambiente seriam igualmente responsáveis pelas variações na inteligência da criança; no entanto, ambos devem ser vistos como propensões genéticas, e não como fatores pré-determinados e imutáveis. Isto significa que, em termos práticos, não temos como prever toda a extensão em que as potencialidades de uma criança poderão ser desenvolvidas.

Vale ressaltar que, crianças que vivem em âmbitos enriquecedores promove o desenvolvimento de uma série de habilidades. Além disso, o âmbito familiar é de suma importância para esse processo.

Virgolim (2007, p. 34) ainda complementa:

Não temos ainda, no atual estágio das pesquisas sobre o genoma humano,

conhecimento dos genes responsáveis pela inteligência. O que sabemos é que, se fornecermos oportunidades adequadas para uma criança satisfazer sua curiosidade sobre o ambiente que a cerca, seu potencial genético poderá leva-la a se desenvolver de acordo com suas capacidades. Portanto, o que está em nossas mãos é o fornecimento de um ambiente enriquecido e estimulador.

No que se refere a questões ambientais, um ambiente enriquecido se torna favorável para o desenvolvimento das capacidades e habilidades do sujeito. Além do mais, o ambiente em que o sujeito vive tem um papel significativo, pois as relações sejam em âmbito familiar, escolar ou social podem se tornar favoráveis e enriquecedoras assim como desmotivadoras.

Mosquera, Stobäus e Freitas (2013, p 409), em relação aos estímulos ambientais, ainda complementam:

No nosso entender, no desenvolvimento da personalidade as forças ambientais jogam, sem dúvida, papel significativo. Por isto, pode-se compreender que os psicanalistas afirmem que os conflitos inconscientes, adquiridos durante a infância, sirvam como base para os problemas emocionais da vida adulta dessas pessoas com AH/SD.

Logo, no desenvolvimento da criança até a vida adulta têm constantemente nesse ciclo influências de fatores ambientais que favorecem para o desenvolvimento das habilidades.

Além do mais, vale ressaltar também a importância da identificação e posteriormente ofertar um atendimento adequado para esse sujeito, a fim de desenvolver de forma adequada e igualitária suas necessidades especiais e suas habilidades. Levando em consideração os meios que favorecem essas habilidades.

4.3 A FAMÍLIA E AS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Ao falar sobre família, logo, pensamos em grupos de pessoas que vivem juntos, que são constituídos por um casal de homem e mulher e filho(s), onde constroem sentimentos mútuos de carinho e afeto, ou seja, a família nuclear².

Atualmente, com as mudanças que a sociedade está vivendo, não necessariamente uma família terá a formação de família nuclear. Nesse sentido, contextualizar a “família” é uma ação difícil, tendo em vista que é um sistema de transformações e de diferentes formações. Grzybowski (2002, p. 40), salienta que:

O crescente número de pessoas que preferem viver sozinhas, casais que vivem juntos sem estar casados oficialmente, casais de homossexuais, netos sendo criados pelos avós, pais com guarda conjunta, mães e pais singulares (divorciados, viúvos, separados, solteiros e adotivos), pais que dividem a guarda dos filhos, famílias provenientes do recasamento, não podem mais ser ignorados.

Entretanto, foram salientados as diversas formações que constituem uma família em seus arranjos familiares, não desprezando qualquer configuração viável de nomear uma “família”.

No entanto, ao falar em família, existem mudanças que ocorreram na sua constituição. Weber (2008, p. 9) contribui destacando que “a compreensão da origem da organização social entre os primatas e a formação de uma família deve ser compreendida no panorama remoto de milhões de anos”. Assim, a constituição de família sofreu diversas mudanças até o que conhecemos na atualidade. Dessen e Costa Júnior (2005, p. 119) ainda colaboram:

as abordagens contemporâneas no estudo da família têm definido seu objeto com base nas seguintes premissas: ‘a) a definição de família deve estar baseada na opinião de seus membros, considerando a afetividade e a proximidade com os entes queridos como critérios para composição de família e b) diversos são os tipos e as possibilidades de família no contexto atual, não se restringindo a uma única forma’ (grifos do autor).

Logo, a formação de família sofreu muitas mudanças no decorrer dos anos no Brasil, desde a Idade Moderna (do século XV até o XVIII) até os tempos atuais no período de Globalização. Na Idade Moderna, a concepção de famílias se originou a partir da colonização dos índios e negros, primeiros a constituir a sociedade

² Segundo Osorio (2002, p. 15) este arranjo de família se caracteriza “[...] pelo tripé pai-mãe-filhos”.

brasileira. Com o passar dos tempos, a expansão das plantações e o crescimento da civilização, o homem teve a necessidade de criar laços para construção de um lar, formando-se assim, a configuração de uma família, a família patriarcal. Sobre a família patriarcal, Lobo (2008, p. 307) corrobora:

[...] centrava-se na figura do pai, senhor, marido e patrão, em torno da qual girava a obediência hierarquizada da mulher, dos filhos legítimos e ilegítimos, dos outros parentes, dos agregados, dos escravos e das concubinas [...].

No entanto, a composição da família patriarcal se configurava da seguinte maneira: o homem era o que comandava e circulava nos espaços sociais, a mulher ficava reservada em casa cuidando dos filhos, reduzindo assim sua vivência com o meio externo.

Na Idade Contemporânea, as configurações familiares já começaram a modificar-se. Rech (2016, p. 104) complementa: “[...] essa configuração familiar modifica-se, sendo marcada por grandes transformações na ideologia e na estrutura familiar. Iniciaram-se, nesse período, os primeiros movimentos que iriam reconfigurar a família patriarcal”.

No entanto, com o passar do tempo, as configurações de família começaram a se modificar, moldando conforme a sociedade se transformando. As famílias começaram a viver na forma nuclear, com a participação do pai, mãe e dos filhos. “A família nuclear passou a conviver com um sentimento de pertencimento nunca antes experienciado, distinguindo-se da família do Brasil Colonial” (RECH, 2016, p. 105).

Rech (2016, p. 108), ainda complementa:

a família na época colonial era patriarcal e pública, uma vez que todos participavam da vida da Casa Grande. Já a família contemporânea foi marcada pela influência dos médicos higienistas, o que alterou a ordem familiar, organizando uma nova configuração familiar, a nuclear. Oportunizou à mulher a convivência em novos espaços, passando, então, a viver em sociedade. Ao mesmo tempo, tais políticas higienistas auxiliaram para que a família se tornasse privada e não mais pública. Essa família deveria ser lugar de conforto e não mais de hierarquização.

Assim, a constituição de família modificou-se até as formações vistas na atualidade. Como foi dito logo no início desse capítulo, a contextualização de família ainda é difícil, porém a concepção de formação durante o passar dos anos somente se modificou e moldou-se de acordo que a sociedade foi se transformando.

Além do mais, o padrão de uma “família” não será o mesmo, pois podem ocorrer algumas modificações que acabaram transformando a constituição da mesma. Novack & Peláez (2004 apud WEBER, 2008, p. 11) corroboram que:

[...] contingências se modificam e fazem com que ocorram mudanças e ajustamentos na família, alguns graduais como a espera do nascimento de um filho, outros abruptos como morte ou divórcio. Desse ponto de vista, a família é um sistema dinâmico, composto de sistemas menores de relacionamentos entre pares e membros; o padrão familiar de relacionamentos emerge quando os resultados das contingências de reforçamento afetam os membros da família.

Porém, no que diz respeito à família do filho com AH/SD, a participação mútua da família juntamente com a escola é importante para o desenvolvimento e reconhecimento das habilidades do seu filho. As reflexões sobre família elaboradas ao longo desse capítulo, permitem pensar a respeito da família que encontra-se em diferentes âmbitos sociais. Rech (2016, p. 115) ainda complementa: “Para compreendermos o aluno que hoje se encontra na escola, é importante conhecermos sua família, sua constituição e sua configuração, uma vez que tais aspectos influenciam diretamente na formação desse sujeito”.

Vale ressaltar a importância de conhecer as diferentes configurações de sistemas familiares para além ver a influência que a mesma tem com seu(s) filho(s). Além do mais, a participação da família juntamente com a escola é de suma importância, uma vez que o conhecimento efetivo da família contribui para o desenvolvimento do seu filho e assim, conseqüentemente para a escolarização e o desempenho do mesmo.

5. METODOLOGIA

Ao pensar no problema e nos objetivos dessa pesquisa, neste capítulo serão apresentados os caminhos metodológicos que nortearão os resultados a serem explorados.

Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade que deverão servir para composição de soluções propostas aos seus problemas (LUDKE, 1986, p. 1-2).

Esta pesquisa se caracterizou como qualitativa do tipo estudo de caso. De acordo com Minayo (2013), este tipo de pesquisa respondeu a questões muito particulares, trabalhando com o universo dos significados, dos motivos, aspirações, das crenças, valores e atitudes. Além do mais, a abordagem qualitativa teve como propósito aprofundar “[...] ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2000, p. 22). Desta forma, foram extraídas informações de uma interação direta com os pais e avós maternos e paternos do sujeito com AH/SD.

Já o estudo de caso foi selecionado como método de pesquisa a fim de subsidiar a compreensão de fenômenos sociais complexos (YIN, 2010). Assim, Yin (2010, p. 39) ainda complementa:

[...] o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.

Esse modelo proporcionará argumentos e reflexões acerca das concepções que abordei para os sujeitos da pesquisa. Além de salientar o entendimento sobre a temática das AH/SD.

Seguindo este viés, a pesquisa também se caracterizou como exploratória, sendo assim descrita por “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação

desse objeto”. (SEVERINO, 2007, p.123)

Primeiramente, foi feita uma conversa inicial com os participantes da pesquisa a fim de explicar como foi feita a abordagem desse estudo como também, esclarecer dúvidas e questionamentos do mesmo. Foi então, entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) para autorização de uso dos dados. Foi mantido o anonimato dos sujeitos participantes do estudo.

Como instrumentos de coleta de dados com os participantes da pesquisa, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas individuais com cada participante, no qual foram indagadas a respeito de suas lembranças de infâncias, preferências nessa época, como se constituiu os aspectos profissionais, sua trajetória de vida, entre outros questionamentos relacionados aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas, como forma de registro de informações e melhor detalhamento do estudo.

Sobre as entrevistas, entende-se que pode considerar-se:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. (SEVERINO, 2007, p. 124).

Desta forma, após serem transcritas as entrevistas, foi feita uma análise entre as falas dos participantes relacionando com a teoria.

Para tanto, após leitura e interpretação minuciosa das entrevistas, utilizou-se uma análise descritiva, a partir de categorias elencadas.

5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Fizeram parte dessa pesquisa, familiares: pais e maternos e paternos do sujeito identificado com AH/SD. Foram escolhidos esses sujeitos a fim de ter uma visibilidade ampla do contexto da família como também as vivências e experiências adquiridas ao longo dos anos com o sujeito com AH/SD.

Os participantes ao longo dessa pesquisa foram identificados como: Pai; Mãe; Avô materno; Avó Materna; Avô paterno e Avó paterna.

O contato foi realizado por telefone com os participantes. A partir da mãe que

obtive o contato do pai e os avós paternos. Os pais do sujeito estão separados há algum tempo e residem na casa de seus pais. Os encontros aconteceram nas residências dos participantes. Primeiro na residência dos avós maternos e a mãe, esses que residem em um apartamento próprio no centro do município de Santa Maria. Logo após, na residência dos avós paternos e o pai, estes que também residem em um apartamento próprio no centro do município de Santa Maria. Esse contato foi agendado previamente em um dia comum para todos.

5.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Inicialmente, considerou-se a participação nessa pesquisa de familiares de alunos identificados com AH/SD participantes do projeto de extensão intitulado: “Programa de atendimento às altas habilidades/superdotação: enriquecimento extracurricular para o estudante e orientação à família e à escola”, registrado no Gabinete de Projetos (GAP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sob o nº 042405, orientado pela Professora Dra. Tatiane Negrini. Esse projeto de extensão tem como objetivo, desenvolver uma proposta de enriquecimento extracurricular ao estudante com altas habilidades/superdotação, a fim de enriquecer e suplementar o ensino escolar, contribuindo na orientação da família e da escola. O projeto é desenvolvido por acadêmicos da graduação e pós-graduação como também professores e outros profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Esse projeto oferece um programa de enriquecimento para os alunos com AH/SD a fim de estimular e potencializar suas habilidades.

Entende-se por programa de enriquecimento, de acordo com Pereira e Guimarães (2007, p. 166),

[...] podem ser delineados com vistas a atender às demandas de alunos superdotados e da organização administrativa educacional de maneira flexível. Podem ser desenvolvidos por professores em sala de aula comuns por meio de estratégias e técnicas de ensino variadas, ou de atividades extracurriculares supervisionadas por professores especializados (em ambientes e horários específicos às atividades desenvolvidas em classes regulares) ou, ainda, organizados por meio de currículos adaptados ou enriquecidos. Podem ser utilizados individualmente, em classes comuns, dependendo da necessidade específica do aluno e das condições estruturais dos sistemas de ensino.

Assim, o enriquecimento extracurricular para esses alunos pode contribuir para o desenvolvimento dos seus potenciais, além de oportunizar a esses alunos

com AH/SD relacionar-se com os seus pares, nas atividades propostas no projeto.

Também, foi um critério de inclusão e exclusão esse aluno identificado com AH/SD estar frequentando assiduamente as atividades do referido projeto, como também a participação de seus familiares.

Além do mais, foram escolhidos familiares que constituíssem de pais e avós maternos e paternos, esses que deveriam estar residindo no município de Santa Maria.

6. ANÁLISE DOS DADOS

A presente análise foi dividida em quatro momentos. O primeiro descreveu as caracterizações das famílias participantes da pesquisa como também as particularidades dos sujeitos, mãe e pai e avós maternos e paternos bem como algumas informações relevantes sobre os mesmos.

A segunda parte da análise discorreu sobre a história de vida dos sujeitos. Foi dividido em: história de vida familiar materna e história de vida familiar paterna. Esta debateu acerca das vivências e experiências que cada sujeito obteve durante o percurso de suas vidas. Além disso, as memórias significantes nos períodos da infância e da adolescência também foram abordadas.

A terceira parte da análise buscou analisar a história de vida do sujeito com altas habilidades/ superdotação, como é seu convívio com a família, como ela é dinamizada além de como influenciaram na vida e no processo de desenvolvimento do sujeito com AH/SD.

Já a quarta e última parte da análise, apresentou o enfoque para as influências, genéticas e do meio ambiente para esse sujeito com AH/SD.

6.1 CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR: O PERFIL DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES

Esse subcapítulo de análise trouxe os aspectos que permeiam as características e configurações das estruturas familiares dos participantes da pesquisa. Foram descritos os perfis das famílias bem como os aspectos relevantes como escolarização, profissão, entre outros.

É importante retomar que, ao longo do texto os sujeitos da pesquisa foram nomeados como: mãe, pai, avô materno, avó materna, avô paterno e avó paterna, sem identificar seus nomes, buscando preservar suas identidades.

Para a primeira entrevista, a pesquisadora foi até a residência da família da **mãe**. Ela mora na mesma residência dos seus pais, **avô materno** e **avó materna**, e com o seu filho.

A mãe tem 36 anos, é mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e formada em Dança pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), e Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trabalha como atriz e também está cursando Teatro na UFSM. Ela é independente,

encontra-se separada do pai de seu filho já há alguns anos. Ela sempre procurou informações acerca das AH/SD para entender melhor seu filho. Verificou-se que nessa família, os avós maternos atuam como rede de apoio para a mãe e o neto.

O Avô materno tem 63 anos, é funcionário público aposentado e tem formação em nível superior em Ciências e Sociais – Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santo Ângelo. Trabalhou muitos anos como policial federal. Ele é natural do Rio de Janeiro, sendo que sua família reside lá até hoje.

A avó materna tem 62 anos, também é funcionária pública aposentada. É formada em Ciências e Sociais – Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santo Ângelo e em Artes Visuais pela UFSM. Essa foi uma opção tardia de formação, segundo a avó materna, ela “sempre quis e gostava de artes”.

A família materna reside em um bairro central no município de Santa Maria, cujo apartamento é propriedade da família. A criança com AH/SD vive com eles, pois os pais estão separados, então por opção da mãe preferiu por seguir morando com os avós maternos.

Sobre a família paterna, o **pai** tem 40 anos, tem formação em nível superior em Administração pela Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES). Trabalha como assistente de departamento pessoal em uma empresa familiar. Segundo relatado para a pesquisadora, ele tem vários cursos que contribuíram para aperfeiçoar sua formação. Segundo relato, ele é “autodidata também”.

O **avô paterno** tem 64 anos, é empresário e tem nível superior incompleto em Administração na UFSM. Para ele sua profissão iniciou muito cedo, assim ele salientou:

“[...] livre e espontânea pressão, é que as famílias na época, falando isso, há 50 anos atrás, a gente tinha uma empresa que se confundia com a família que se confundia com a empresa, então era difícil separar o que era família e o que era negócio” (Relato do avô paterno).

Sobre a **avó paterna**, ela tem 60 anos e é agropecuarista formada na UFSM. Iniciou o curso de Química também na UFSM, porém não finalizou optando cursar Agropecuária pelos seus interesses e por conviver muitos anos no campo.

A família paterna reside juntos em um apartamento próprio, em um bairro no município de Santa Maria. É uma família que tem estabilidade financeira. Eles têm pouco convívio com o neto com AH/SD, em torno de uma vez por semana pelo motivo da separação do casal. Eles relataram para a pesquisadora que lamentam a

pouca convivência.

Tanto a família materna como a família paterna se configuram como famílias nucleares compostas pelo pai, pela mãe e pelo filho (a). Já o pai e mãe, constituem-se em família monoparental, pois retornaram para sua família de origem. Chaves (2011, p. 57) ao falar de família monoparental, afirma que:

O alto número de divórcios cria modelos de famílias diferentes do tradicional, formando famílias monoparentais, famílias recasadas com filhos de ambos os cônjuges, famílias recasadas com apenas filhos de um dos cônjuges, lares com apenas um indivíduo divorciado, modos de relacionamentos “cada um em sua casa”, aqueles que voltam para a casa dos pais etc.

No entanto, pelo motivo da separação, pai e mãe optaram por continuar vivendo na casa de seus pais, família de origem. Assim, conforme Galano (2011) tanto pai e mãe configuram-se em família canguru. Essa que é “[...] composta de pais e filhos adultos, solteiros ou descasados de mais de 30 anos, muitos economicamente (e sexualmente) independentes, que preferem a moradia da casa dos pais a tentar uma vida sozinhos”. (GALANO, 2011, p.125).

Além disso, pela separação e opção do casal e também pelo filho morar com a mãe e os avós maternos, a mãe tem mais autonomia em relação ao filho, exercendo assim maior autoridade com ele.

Educar os filhos sempre foi uma tarefa complexa para os pais, embora isso não signifique que tais responsabilidades sejam compartilhadas de forma igualitária entre o casal. Diversas pesquisas apontam que as mães tendem a envolver-se mais do que os pais nas tarefas do dia-a-dia da criança e, geralmente, estão à frente do planejamento educacional de seus filhos (WAGNER et al., 2005, p. 181).

Sobre os avós maternos, eles têm uma grande influência no convívio com o neto com AH/SD, uma vez que, em alguns momentos, exercem a função de pai e mãe do neto. Nesse sentido, Wagner, Tronco e Armani (2011, p. 23), contribuem:

[...] a família pode ser considerada como um sistema *dinâmico*, submetido a um *processo de estabelecimento de regras*, e marcada pela *busca de um acordo entre seus membros*. Pode-se pensar, então, que a *dinamicidade* do sistema se caracteriza pela maneira como a família se movimenta frente às diferentes situações as quais se coloca ou é colocada (grifos das autoras).

Já os avós paternos lamentam o pouco convívio, mas quando ele vai a sua casa, tentam doar ao máximo para que ele conviva e exerce a função de família com ele.

6.2 HISTÓRIAS DE VIDA: NARRANDO ACERCA DAS VIVÊNCIAS E

EXPERIÊNCIAS DE CADA SUJEITO

Esse subcapítulo de análise apresenta narrações acerca das vivências e experiências que os pesquisados adquiriram com o passar dos tempos em suas vidas. Além disso, as memórias relevantes das épocas como: infância e adolescência, como também como se estruturava seus convívios com os demais de suas famílias de origem. Esse subcapítulo foi dividido em: história de vida familiar materna e história de vida familiar paterna.

6.2.1 HISTÓRIA DE VIDA FAMILIAR MATERNA

Considerando o contexto familiar de cada integrante da família, a pesquisadora pode analisar todos os aspectos relevantes das histórias de cada sujeito. Ao falar de suas vivências e lembranças passadas, o avô materno narra que viveu até se casar no estado do Rio de Janeiro com sua família. Sua família era constituída por muitos membros, primos, tios e outros familiares viviam perto um do outro em um bairro pequeno da cidade.

“O meu relacionamento lá no RJ também era mais com parentes. A família era grande, meu pai tinha 16 irmãos e minha mãe eram cinco então eram bastantes primos. A gente se visitava, morava perto alguns. Então não tivemos grandes problemas com amizade.” (Relato do avô materno).

Na infância e adolescência, ele descreveu que foi tranquila, tinha poucos amigos e convivia mais com os familiares. Na questão onde perguntava como era a infância e o que mais gostava de fazer quando criança, o avô materno lembrou que:

“[...] o que eu me lembro assim eu gostava mesmo era de ir a praia. Ia a praia quase todo dia. Tinha um amigo que era mais chegado e o pai dele era aposentado e tinha um carro [...] A gente brincava bastante” (Relato do avô materno).

Sobre a adolescência, o avô materno lembra:

“[...] naquela época eu me lembro que tinha bastante aqueles festival estudantil dos colégios lá no RJ e eu tinha um primo que ele era baterista de um conjunto, e eu estava sempre com ele e a gente participava bastante de festivais. E tinha os comícios... Bastante assim coisas políticas [...]” (Relato do avô materno).

Assim, foi possível averiguar que as vivências do avô materno evidenciaram suas características introspectivas, por ser uma pessoa mais tranquila e de poucos amigos. Ao falar de sua profissão e escolhas profissionais, o avô materno relata que sempre foi estudioso, porém o concurso desviou o percurso de sua carreira profissional.

“Tinha um tio que já trabalhava na policia federal. E ele me falou, tava estudando pro vestibular, recém tinha feito o vestibular e não tinha sido aprovado. Ai ele falou, ah, vai abrir o concurso pra policia, tu não quer fazer? Ai eu falei, ah, então eu vou fazer. Assim, não que eu tivesse aquela vontade de ser policial ou não ser, mas era uma profissão [...]” (Relato do avô materno).

A avó materna relatou que sua infância foi tranquila. Preferia brincar com meninos ao invés de meninas. Era muito extrovertida e fazia amizades com facilidade.

“[...] da minha infância eu me lembro assim a gente brincando muito [...] Era uma coisa mais assim mais um pouco de **liderança**. Mas assim, **gosto de leitura, gosto de estudar... Tarefa intelectual, né. Gosto de arte** bastante. **Bem ligada nessa parte de arte, literatura, história**. Toda essa parte assim **humana, relacionamentos eu gosto muito**. A parte assim das exatas não... Dinheiro não.” (Relato da avó materna, grifos nossos).

Além do mais, sua mãe era rígida e essa é uma das memórias mais significativas para ela. Seu temperamento forte se destacou desde cedo, segundo ela.

“[...] **Eu era bem contestadora. Tudo eu queria...** Teve aquela época dos rips, ah tudo eu achava um máximo. **Aquela coisa da liberdade, revolucionário. Sempre fui cabeça muito revolucionária**. E tinha que saber eu acho que era meio feminista também” (Relato da avó materna, grifos nossos).

Desse modo, de acordo com os relatos da avó materna onde evidencia características de liderança, Virgolim (2007) ao definir essas características, salienta que as pessoas com AH/SD apresentam notável desempenho ou elevada potencialidade em qualquer aspecto, isolados ou combinados. Ao evidenciar a definição de capacidade de Liderança, a autora define como:

d) Capacidade de Liderança – Refere-se à sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, capacidade de resolver situações sociais complexas, poder de persuasão e de influência no grupo, habilidade de desenvolver uma interação produtiva com os demais; (VIRGOLIM, 2007, p. 28).

No entanto, sobre sua trajetória profissional, a avó materna se formou em

uma área, mas logo depois foi atrás de outro curso, o curso que realmente queria.

“A minha história assim, eu sempre quis gostava de arte. Naquele tempo chamava Belas Artes. Que hoje é as Visuais as Artes Plásticas, né. E bem no começo quando eu era adolescente eu queria. Mas a minha mãe ela não queria nem saber nem eu começar. Que isso aí é pra gente rica, que nós precisamos sobreviver, sempre foi contra. Que eu tenho que fazer uma coisa que possa me manter. **Então foi uma coisa que ficou meio adormecida dentro de mim** que depois com 50 anos de idade eu fui fazer” (Relato da avó materna, grifos nossos).

Nesse sentido, Sabatella e Cupertino (2007) ressaltam a importância do reconhecimento e valorização desses sujeitos com AH/SD, com o propósito de reconhecê-los no meio em que vivem para que suas habilidades sejam estimuladas e potencializadas e não adormecidas. Assim, as autoras ainda ressaltam que:

[...] o acesso a um tratamento diferenciado, adaptado às condições pessoais do aluno com altas habilidades/superdotação, mas que garanta igualdade de oportunidades implica oferecer uma gama de possibilidades, dentro do que é viável em cada instituição, para que cada uma possa desenvolver plenamente seu potencial. O papel de programas específicos para esses indivíduos é o de suprir e complementar suas necessidades, possibilitando seu amplo desenvolvimento pessoal e criando oportunidades para que eles encontrem desafios compatíveis com suas habilidades (SABATELLA E CUPERTINO, 2007, p. 69).

Sobre os aspectos sociais, a pesquisadora evidenciou nas entrevistas a questão geracional dos participantes, por serem de diferentes constituições e diferentes tempos, a atuação familiar para o sujeito com AH/SD teve influências no que diz respeito à constituição da família. A família é como base, e os princípios passados de geração a geração não mudaram.

Sobre a mãe, ela relatou para a pesquisadora que em sua infância, ela foi muito ativa, além de ser envolvida em atividades voltadas a dança e atividades corporais.

“Minha infância foi muito livre assim, uma época a gente andava na rua. **Eu sempre fui muito ativa corporalmente** assim. Andava de bicicleta, me quebrava aquelas coisas assim. **Muito ativa, dançava.** [...] **não era muito de gostar de coisa intelectual** [...]” (Relato da mãe, grifos nossos).

Na adolescência, a mãe ainda demonstrava características envolvendo a dança e música.

[...] na adolescência, daí eu fiquei um pouco roqueira, gostava muito de rock. **Mas eu acho que segui na mesma vibe ali artística**, que eu **gostava de dançar daí a música se tornou mais forte naquela época.** [...]” (Relato da mãe, grifos nossos).

Assim, por meio do fragmento apresentado, concluiu-se que a mãe

apresentava algumas características da inteligência corporal-cinestésica (GARDNER, 2000), pois evidenciou grande habilidade e domínio em atividades corporais envolvidas na dança.

Além do mais, sobre amizades, a mãe é extrovertida e de fácil envolvimento com os demais de sua vida. Segundo ela, sempre demonstrou ser muito receptiva com seus amigos e familiares.

“[...] eu sempre cultivo as amizades [...] E eu me dou hoje com amigas de quando eu tinha quatro, cinco anos de idade. São minhas amigas até hoje. Não é um monte de gente, né, **mas eu sempre percorri vários grupos, até hoje é assim.** Na faculdade eu sempre faço aula em várias turmas, não me importo. Eu sou muito de fazer minhas coisas sozinha, eu pego e vou.” (Relato da mãe, grifos nossos).

Esse fragmento evidencia características e facilidade interpessoal (GARDNER, 2000). Sobre sua família de origem, a mãe relatou que desde criança sempre foi muito próxima de seus familiares.

“A minha vó materna teve uma influência bem grande na minha vida porque bem na época da pré-adolescência, adolescência ela foi morar com a gente, teve uns problemas de saúde e tal. E ela que nos cuidava assim, boa parte que o pai e a mãe eles tiravam plantão e as vezes os dois juntos, as vezes sim as vezes não.” (Relato da mãe).

Ao falar de sua trajetória profissional, a mãe relatou para a pesquisadora que desde a adolescência já se identificava com a dança e características artísticas. Assim, mais uma vez evidenciou a inteligência corporal-cinestésica (GARDNER, 2000).

“Quando eu era adolescente assim eu era muito, gostava de organizar as coisas. E aí eu queria ser administradora. **Só que ao mesmo tempo eu dançava muito, então eu tinha esses dois lados. Eu gostava essa coisa de ser organizada, mas também tinha o lado artístico.** [...] No meio da faculdade **eu já tava assim dançando** aí já matava aula da administração pra dançar. [...] **Mas o lado artístico puxava mais assim pra mim.**” (Relato da mãe, grifos nossos).

Além do mais, a mãe ainda relatou que:

“[...] quando me formei, **eu abri uma escola que ali eu pude conjugar tanto a administração que eu era a dona da escola, a administradora da escola e professora também, artista também** e tal. Ali eu pude conjugar tudo” (Relato da mãe, grifos nossos).

Assim, a pesquisadora evidenciou que as experiências e vivências que a mãe

tem com a dança é marcante em suas falas. Além disso, características de envolvimento com a tarefa (RENZULLI, 2014) foram salientadas no decorrer das falas.

“[...] **Amo tá no palco, amo. Se pudesse fazer só isso na vida**, mas não dá. Porque ganha muito pouco. Mas sempre estudando. [...] **Amo dar aula, também como professora pra criança**. Atualmente eu tô dando aula pra criança.” (Relato da mãe, grifos nossos).

A partir da análise das falas dos familiares, evidenciou que características das inteligências múltiplas de Gardner (2000) foram evidentemente vistas no que se refere, principalmente, nas características da mãe.

6.2.2 HISTÓRIA DE VIDA FAMILIAR PATERNA

Ao analisar a história de vida e relatos da família paterna, a pesquisadora evidenciou aspectos acentuados no que diz respeito às características das AH/SD. Considerando as suas vivências durante a infância, o avô paterno ressaltou que saiu cedo da casa de seus pais para estudar e trabalhar. Questões profissionais foram importantes precocemente em sua vida, visto que foi um marco importante nesse período.

“muito cedo saí de casa para estudar então isso foi uma ruptura da vida doméstica com o pai e a mãe, e vim para a cidade para estudar e morar com os tios, isso foi um rompimento para mim de alguma coisa, mas me deu uma independência que eu tive que ter bem cedinho, essa eu acho que foi minha maior ruptura da época de infância que eu tive” (Relato do avô paterno).

Cedo começou a trabalhar para ter seu dinheiro. Além disso, o avô paterno relatou que: “desde muito cedo, mas não é um trabalho assim que eu tinha 8 horas por dia, eu tinha um trabalho que me permitia estudar e eu trabalhava na época” (Relato avô paterno).

Quando a pesquisadora perguntou sobre o porquê trabalhar muito cedo, o avô paterno relatou:

“Livre e espontânea pressão, é que as famílias na época, falando isso, há 50 anos atrás, a gente tinha uma empresa que se confundia com a família que se confundia com a empresa, então era difícil separar o que era família e o que era negócio [...]” (Relato do avô paterno).

Assim, a pesquisadora evidenciou que sua profissão se caracterizou desde

cedo e aliada a influências familiares. Já sobre suas lembranças da infância e adolescência, o avô paterno relatou:

“[...] eu sempre fui um menino muito tranquilo, sem grandes mudanças de vida, uma vida bem pacata, mas, muito tranquila” (Relato do avô paterno, grifos nossos).

Sobre sua adolescência, o avô paterno relatou:

“eu sempre fui muito independente, eu tinha meu trabalho, mesmo jovem, e eu tinha meu dinheiro, eu tinha uma adolescência muito tranquila de fazer o que eu quisesse dentro de uma responsabilidade que eu tinha que ter [...]” (Relato do avô paterno, grifos nossos).

Ao falar sobre aspectos profissionais, o avô paterno evidenciou para a pesquisadora que além de trabalhar desde muito cedo, suas experiências foram adquiridas ao longo da vida. Por ter vivido em um ambiente que favoreceu suas experiências profissionais, o avô paterno narrou que as vivências adquiridas ao longo da vida valeram tanto quanto sua formação acadêmica.

“A minha formação foi praticamente, eu tenho uma formação universitária, mas eu tenho agregada a isso, uma formação profissional que aconteceu ao mesmo tempo, aquilo que eu aprendia na faculdade eu aprendia também na parte de empresas e isso aí para mim foi bem importante. O fato de não ter me formado é só um detalhe porque tudo que eu precisava eu retirava da faculdade, praticamente pra mim falta o que tu está fazendo agora, é o finalzinho do curso, mas ele me deu uma base que eu tenho até hoje” (Relato do avô paterno).

Sobre as características dos aspectos sociais, o avô paterno relata que tem facilidade em se relacionar com as pessoas. Além do mais, características de liderança são pontos fortes nas falas do avô paterno.

“[...] eu tenho facilidade de lidar com pessoas, eu sou meio neurótico em formar equipes, a montar equipes que funcionem, eu tenho uma necessidade de mostrar que sou capaz” (Relato do avô paterno, grifos nossos).

A avó paterna, ao relatar sua infância, trouxe relatos para a pesquisadora sobre sua vida no campo. Gostava muito de brincar e viver no campo junto com seus amigos e familiares. Sua vida profissional caracterizou-se muito nessas vivências campeiras.

“Eu fui uma criança criada para fora, subindo em árvores, andando à

cavalo, de pé nos cavalos, então a minha infância foi boa, mas para estudar eu tive que ir para colégio interno porque pra fora não tinha escola, e eu me saí muito bem, eu vivi aqueles momentos, foi bom e tudo” (Relato da avó paterna, grifos nossos).

Suas lembranças em relação a sua família, ela relatou que:

“Eu tenho boas relações e continuo até hoje [...] se a pessoa tem uma forma de pensar que eu observo que não serve para mim eu evito de chegar perto e eu sou assim, sempre fui, quando criança, quando jovem, e continuo depois de velha, sou assim mesmo” (Relato da avó paterna).

Ao lembrar-se de seu pai, a avó paterna relatou para a pesquisadora, boas lembranças dessa época.

“quando tinha uma campeirada grande e que o pior cavalo ficava pra mim, o pior cavalo deixavam pra mim e eu chorava desesperada por isso e dizia que não ia no campo então, porque quando estava só eu e o pai e mais um eu pegava o cavalo mais veloz, o mais novo, aí quando tinha muita gente para campeirar sobrava aqueles que nem andar andavam, aí queriam que eu fosse, e eu não ia né, embrabecia, empacava, não ia mesmo, chorava, me escabelava [...]” (Relato da avó paterna).

Em relação aos aspectos profissionais, a avó paterna relatou que fez o curso de química, mas sempre gostou de trabalhar com o campo e agropecuária. Seu maior sonho realizou mesmo depois de um tempo.

[...] e o que eu gosto é campo, isso é coisa que eu gosto, também gostei da química, onde eu me envolvi eu gosto sabe, tudo que eu me envolvo eu gosto. Porque onde tem envolvimento tem conhecimento, um monte de coisas boas que te traz” (Relato da avó paterna, grifos nossos).

Assim, é válido refletir que a avó paterna apresenta grande envolvimento com a tarefa, Virgolim (2007, p. 37) traz a definição compreendida como:

Envolvimento com a tarefa se refere à energia que o indivíduo investe em uma área específica de desempenho e que pode ser traduzido em termos como perseverança, paciência, autoconfiança e crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho. Trata-se de um ingrediente muito presente naqueles indivíduos que se destacam por sua produção criativa.

Essa definição caracteriza também o sujeito com AH/SD, uma vez que Renzulli (2014) também complementa trazendo que o indivíduo apresentará capacidade acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e níveis de criatividade.

Além do mais, ao falar de sua vida, a avó paterna relata que vivia uma vida tranquila. Hoje em dia a avó paterna ainda vive tranquilamente em sua casa. Ela descreveu que tem bons relacionamentos com seus amigos e família.

“Eu tenho bons relacionamentos, tenho bons amigos e eu convivo com eles, não tanto hoje, mas sempre gostei de conviver, hoje não tanto, hoje realmente eu prefiro uma vida mais pacata. [...] Eu gosto muito do meu cantinho lá fora, aquilo lá me preenche, tem as minhas flores, minha horta, tem o meu pomar, os meus bichos, aquela vida que eu gosto muito” (Relato da avó paterna).

Assim, é interessante notar que alguns adultos descobrem, tardiamente, que possuem habilidades superiores em alguma área. (VIRGOLIM, 2007).

Sobre o pai, ao lembrar-se de suas vivências na infância, ela relatou para a pesquisadora que sempre gostou de brincar livre, na rua. Sua mãe dava liberdade e atendia suas vontades.

“[...] eu sempre tive liberdade, naquela época era mais fácil, nos anos 80, de tu poder ficar brincando na rua, correndo de tudo que é lado [...] Brincar eu acho, brincar na rua, com meus amigos, bem coisa de piá mesmo dos anos 80, correr na rua, eu nunca fui muito de futebol ou coisa assim, mas a gente fazia muita coisa, eu lembro que, eu tenho algumas lembranças e memórias disso, de basicamente nós na rua até as 10 da noite” (Relato do Pai).

Na sua adolescência, ele relatou que foi um pouco mais turbulenta. Época rebelde de temperamento forte, pois brigava com sua mãe. Além disso, a música foi forte indicio de influências nesse período.

“[...] com 12 anos, eu comecei a ser mais bicudo, eu lembro que eu sempre brigava com a mãe, eu e a mãe estávamos sempre brigando, assim, por bobagem, por eu ser turrão e não querer aceitar uma ordem dela ou algo assim [...]” (Relato do pai).

Ainda relatou que nessa mesma época, suas experiências também foram ambíguas em relação ao convívio com alguns dos membros de sua família. Porém, com os seus irmãos sempre teve uma boa convivência.

“Eu e meus primos sempre nos damos mais ou menos bem, como meu pai falou, a gente foi criado como uma grande família, então sempre teve um quase irmão na história, então, claro, alguns tu gosta mais, alguns tu gosta menos, isso é normal” (Relato do pai).

Em relação a sua trajetória profissional, o pai descreveu para a pesquisadora

que sua família, principalmente seu pai, teve bastante influência em sua escolha. Com uma família de empresários precisava segui-los.

“[...] Olha influenciou obviamente o pai me influenciou, mas ele sempre falou pra mim assim ‘faz o que tu achar melhor pra ti’, só que eu também nunca pensei assim, nossa meu sonho é ser um médico, nossa meu sonho é ser, todo mundo trabalhava na empresa, empresa da família, então provavelmente eu vou trabalhar na empresa da família” (Relato do pai).

Ele ainda lembra que:

“[...] **eu gosto muito disso, e eu sempre fui meio autodidata**, assim como o [citou o nome do filho] é, **se eu quero aprender alguma coisa eu vou lá e aprendo**, se eu não quero aprender eu largo, por exemplo, as matérias que eu mais gostava, sempre gostei, na realidade, eu gosto de matemática, mas eu sou péssimo em economia, porque eu não gosto de economia, mas matemática, problemas eu resolvo” (Relato do pai, grifos nossos).

Assim, ao evidenciar as características nas falas do pai, Gonçalves e Fleith (2013, p. 28) destacam sobre a Teoria Triádica da Inteligência Humana, ao trazer a explicação sobre, elas contextualizam que:

[...] a terceira subteoria considera a inteligência individual em relação à cultura e o ambiente. Nesse sentido, busca-se compreender como a atividade mental se ajusta ao contexto por meio de processos como adaptação (o indivíduo ajusta-se às transformações dos meios para responder melhor às demandas da situação), transformação (o indivíduo modifica o ambiente visando melhorá-lo) e seleção (o indivíduo substitui uma atividade por outra nova que se apresenta como mais satisfatória).

Assim, conforme o que foi observado nas falas do pai, conclui-se que não descartamos a possibilidade de haver características de AH/SD presentes nele.

Sobre suas expectativas em relação aos seus estudos e aspectos profissionais, o pai relatou que não foi um bom aluno. Porém, a pesquisadora evidenciou, a partir das falas do pai, que ele apresenta um perfil de liderança, referente aos aspectos profissionais e, sempre teve êxito apesar de não ser bom em algumas disciplinas.

É importante salientar a desmitificação de algumas questões necessárias em relação aos mitos que permeiam quando se trata das características das AH/SD, principalmente no que se refere aos superdotados como aqueles alunos que “sabem tudo”. Winner (1998) ainda complementa que crianças superdotadas possuem um poder intelectual geral que lhes permite ser superdotados em tudo. Assim, tendo a

obrigação de se destacarem em todas as disciplinas da escola como também em questões do cotidiano.

“Eu fui um péssimo aluno, eu peguei exame em praticamente todo primeiro grau, com exceção de duas séries eu acho, mas eu sempre pegava exame, eu quase reprovei na primeira série” (Relato do Pai, grifos nossos).

Ao falar sobre os aspectos sociais, o pai relatou que:

[...] eu sou uma pessoa que é explosiva, normalmente eu sou uma pessoa lógica, que pensa, eu analiso demais a situação, eu fico analisando e analisando [...] eu fico só rodando na mesma coisa até achar uma solução, me falta um pouco de atitude às vezes, de simplesmente fazer” (Relato do Pai).

Assim, evidenciou-se que algumas características como: liderança, emocionais, criatividade e corporal-cinestésica estão presentes das falas dos familiares do sujeito com AH/SD, uma vez que essas características estão presentes nos pais do sujeito.

6.3 HISTÓRIA DE VIDA DO SUJEITO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E AS INFLUÊNCIAS FAMILIARES

Esse subcapítulo da análise trouxe o olhar dos familiares para o sujeito com AH/SD e suas características. Além disso, aspectos como os comportamentos superdotados apresentados pelo sujeito em seu contexto de vida.

O sujeito com AH/SD possui traços singulares, que se manifestam nos diferentes espaços em que convivem, sejam eles escolares e familiares. Além disso, esses sujeitos podem demonstrar habilidades gerais e específicas. (RENZULLI, 2014).

A mãe do sujeito com AH/SD relatou para a pesquisadora que as características de seu filho já haviam se manifestado.

[...] o [citou o nome do filho] muito cedo começou a apresentar coisas diferentes da maioria das crianças da idade dele. Em diversos aspectos e eu sempre fiquei me questionando. [...] eu fico me perguntando novamente e eu fui atrás, eu fui pesquisar, eu volta e meia vou pra internet de novo, eu leio artigo e coisa, porque as vezes eu ainda tenho dúvidas sabe” (Relato da mãe, grifos nossos).

Assim, ao falar das características do sujeito com AH/SD, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 15) caracteriza esse sujeito como:

[...] demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse.

Segundo os relatos da mãe, o seu filho apresenta características pertinentes, estas que são evidenciadas desde muito cedo na sua vida. A mãe relatou que procurou recursos e estudou sobre a temática para melhor atender e compreender as necessidades de seu filho.

“[...] Então **desde cedo** ele, a gente via que ele tinha, **então com um aninho** [...] ele montava, e as pessoas vinham aqui em casa e ficavam admirados assim, **porque comparando com as outras crianças do mesmo tamanho, tanto os interesses eram diferentes, até às vezes os outros tinham aquele interesse mais pra frente iam ter**” (Relato da mãe, grifos nossos).

Sobre criança precoce, Virgolim (2007, p.23) discorre que: “São chamadas de precoce as crianças que apresentam alguma habilidade específica prematuramente desenvolvida em qualquer área do conhecimento”. Além disso, para Winner (1998) as crianças superdotadas são crianças precoces, pois progredem mais rápido que as outras crianças e demonstram maior facilidade em determinadas áreas.

Segundo relato da mãe, as características foram evidenciadas na escola.

“[...] **Ah, não ensina a criança ler. Ai, tu tá forçando o cérebro dele. Mas era uma demanda dele, ele pedia aquilo sabe**” (Relato da mãe, grifos nossos).

Oliveira (2009, p. 78) comenta:

Ao mesmo tempo em que a presença desse superdotado, no núcleo familiar, pode constituir um impulso para o desenvolvimento saudável das relações familiares, ela pode ocasionar dúvidas e angústias, nesse mesmo meio, porque todos passam a lidar com uma nova situação.

Dessa maneira, conforme o relato da mãe, a identificação do filho alterou a dinâmica da família e também a maneira que todos compreendiam as necessidades e demandas do sujeito, principalmente em relação ao processo escolar.

Além de atividades do projeto, o sujeito com AH/SD também realiza outras atividades extracurriculares como natação e teatro. Essas questões, segundo a mãe favoreceram para suas habilidades. Ela ainda relata que sempre procurou alternativas para estimular e potencializar as habilidades de seu filho.

“[...] ali eu comecei a identificar muitas coisas [...] Talvez ele sofra com isso, porque os outros já são mais espertos, já são mais velhos, mas também tem o outro lado que ele vai se chatear porque aquela coisa ali, ele precisa de um conteúdo mais a frente. **Então foi que optamos por avançar, ele avançou um ano**” (Relato da mãe, grifos nossos).

Assim, evidenciamos a importância da aceleração na escola para atender as demandas desse sujeito. Sabatella e Cupertino (2007, p. 73) comentam que:

“[...] a aceleração pode ser positiva para a escola porque utiliza os recursos já existentes e os mesmos professores. Para a criança e a família, constitui-se em uma resposta rápida e eficiente, na medida em que mant m a motivação do aluno, que por sua vez preenche mais rapidamente os requisitos de sua formação.

Ao realizar a aceleração, a escola soluciona a dificuldade encontrada no momento, pois acelera os conteúdos. Porém, vale ressaltar que por outro lado   maturidade do aluno, os desenvolvimentos emocionais e sociais ainda estão em processo de desenvolvimento pela sua idade cronológica assim como a dos colegas dele.

O avô materno ainda trouxe uma memória de seu neto sobre a facilidade de aprender:

“Eu acho que ele tem **um vocabulário bem diversificado, inclusive com palavras no inglês**. E em outras línguas que ele consegue identificar. **Programas de computador   coisa mais fácil pra ele**. [...] **Então a gente não sabe de onde saiu esse conhecimento porque nunca foi ensinado assim diretamente, ele aprende, tem facilidade em aprender**” (Relato do avô materno, grifos nossos).

Assim, vale ressaltar que, os alunos com altas habilidades/superdotação necessitam de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras que estimulem seu potencial (CUPERTINO, 2008, p. 51).

Além do mais, o sujeito com AH/SD nem sempre vai ser bom em tudo. (WINNER, 1998). A avó materna lembra um episódio em que isso ficou evidente:

“A professora da classe n , um dia falando pra mim, que ela simplesmente não sabe que os cálculos, ele faz de cabeça cálculos e não arma conta, n .

A nossa maior dificuldade é isso, mostrar o desenvolvimento do cálculo, né. E ela disse: Dona [citou seu nome], eu não sei o que lhe dizer, o [citou o nome de seu neto] já vem com uma coisa pronta. Outra coisa horrível é a letra, uma hora faz pequeninha outra hora faz de um tamanho. Ele não domina essa coisa do espacial, né” (Relato da avó materna)

No entanto, o avô paterno apesar da pouca convivência com o seu neto, relatou para a pesquisadora a sua preocupação quando perguntado para ele sobre os comportamentos superdotados apresentados, ele relatou:

“[...] **raciocínio rápido ele também prejudica ele por um lado mais social**, de ser menino às vezes, de **fazer aquilo que os garotos fazem**, parece que ele fica meio deslocado, isso nos preocupa bastante até, porque assim como ele pega as coisas rápido ele também se desapega muito rápido” (Relato do Avô paterno, grifos nossos).

Desse modo, ao relacionar as falas do avô paterno, é evidente a sua preocupação que diz respeito à aceleração do sujeito com AH/SD, essa que auxilia nas questões cognitivas, mas interfere no desenvolvimento social e emocional. Para Cupertino (2008, p. 38), a dissincronia:

[...] por vezes ocasiona níveis diferentes de desenvolvimento intelectual, afetivo ou motor. Nesses casos é importante lembrar que uma criança com altas habilidades é, antes de qualquer coisa, uma criança, com demandas típicas de sua idade em vários aspectos. Assim, muitas vezes, estranhamos atitudes que podemos considerar imaturas, mas que são adequadas para a faixa etária da criança, e que contrastam com uma habilidade intelectual superior.

No entanto, a avó paterna relatou que considera seu neto parecido com o seu filho, o pai. Algumas características ela evidenciou e relatou considerando as vivências que seu filho teve.

“Eu vejo ele muito parecido com o pai dele, ele se assemelha muito ao pai, em todos os sentidos, porque quando o [citou o nome do seu filho] [...] Então as coisas que eu achava bom eu oferecia pra ele, mas eu notava que ele tinha muita facilidade para tudo [...] O [citou o nome do neto] me surpreendeu, um dia que ele ganhou um quebra-cabeça de montar palavras, com duas sílabas, não tinha desenho, tinha palavras, ele tinha dois anos e ele leu “gato” e eu olhei pra mãe dele e disse ‘não, não pode ser’, e seguiu a brincadeira e daqui a pouco ele leu de novo, ‘gato’” (Relato da avó paterna).

Assim, é fundamental a família nesse contexto juntamente com esse sujeito com AH/SD, Wagner, Tronco e Armani (2011), complementam:

A organização familiar é pautada pelos acordos que permeiam a convivência em diferentes níveis. Essa organização se estrutura a partir dos subsistemas, os quais configuram a forma como os membros de uma família se organizam, considerando o tipo de relação e vinculação estabelecida entre eles (RÍOS-GONZÁLES, 1994, 2003, 2009 apud WAGNER, TRONCO E ARMANI, p. 23, 2011).

Assim, salienta-se o quanto essas características sociais, emocionais e socioafetivas se manifestaram nas falas dos familiares do indivíduo identificado com AH/SD.

6.4 MEIO AMBIENTE E GENÉTICA: INFLUÊNCIAS ACERCA DAS ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

A seguir, esse subcapítulo da análise apresenta as opiniões dos familiares a cerca das influências genéticas e ambientais no indivíduo com AH/SD.

Nas perguntas em que a mãe, o pai e os avós maternos e paternos são questionados sobre se o meio pode influenciar nas características de AH/SD, todos responderam que sim. Mas, também reconhecem que o meio social é um fator aliado ao da hereditariedade. Dito de outro modo, genética e meio social se complementam para a manifestação das AH/SD nos sujeitos.

A mãe comenta que:

“Eu acho que genética tu diz aquilo que já nasceu e tu fala também de hereditariedade. Eu acho que falando do [citou o nome do filho] assim ele nasceu com essas coisas de como a gente falou assim, ele nasceu, tem a facilidade pra aprender, tem facilidade em captar as coisas ele tem um avanço cognitivo pra mim isso nasce com a pessoa [...]” (Relato da mãe).

Já a avó materna relatou:

“Eu sou obrigada a concordar porque **não tem, uma criança pequenininha, né recém nasceu, tá fazendo coisas que não é comum naquela idade então a gente fica pensando se veio com ele, e a gente nem sabe, ah, puxou pelo avô ou pela avó a gente não sabe a origem.** Mas é algo que veio com ele isso é verdade. E aí quando a criança vai crescendo tu compara com um membro da família [...]” (Relato da avó materna, grifos nossos).

Em relação à hereditariedade, Feldhusen (1992) afirma que a capacidade de um indivíduo em uma área provavelmente foi herdada de uma disposição genética dos pais ou parentes próximos. Nesse sentido, a partir das falas dos participantes da

pesquisa, concluiu-se que houve influências genéticas no sujeito com AH/SD, pois as histórias de vidas desses familiares vem acompanhadas de indicadores de AH/SD.

“[...] eu acho que sim a genética influencia e o meio que se desenvolve a pessoa também influi na formação dessa capacidade deles. Porque se tu não tem um meio propício, aquela habilidade não vai desenvolver e no final vai cair e estagnar” (Relato do avô materno, grifos nossos).

O pai salientou a importância do projeto de extensão tem como influência no desenvolvimento de seu filho. Além disso, afirmou que os dois; genética e ambiente podem favorecer influências nas AH/SD.

“Sim, os dois, a genética querendo ou não te dá a base, te dá os teus limites, até onde tu pode ir, até onde tu não pode ir, alguma doença que pode te atrapalhar, e o meio ambiente te dá todo o caminho para poder resolver ou piorar esses problemas.” (Relato do pai, grifos nossos).

Vale ressaltar a importância do enriquecimento extracurricular para esse sujeito com AH/SD. Nessa perspectiva, o Decreto nº 7.611, de 2011, institui o AEE, que deverá complementar a formação dos alunos com AH/SD, por meio da organização de um conjunto de atividades, recursos pedagógicos e de acessibilidade, de forma institucional e contínua (BRASIL, 2011).

Além do mais, o avô paterno salientou:

“Sei lá, é difícil, eu não tenho conhecimento para isso e qualquer coisa que eu te responderia seria um chute né e eu não gostaria de fazer isso, eu acho que o [citou o nome do neto] tem um pouco do que o [citou o nome do filho] tem de pegar as coisas com facilidade [...]” (Relato do avô paterno).

E ao falar do meio ambiente, a avó paterna ainda complementou:

“Eu acho que isso influencia sim, agora, por outro lado, se ele não tiver habilidade não adianta, pode fazer o que quiser, então eu acho que assim, o ambiente ajuda, mas ele tem que ter um pouco daquela característica.” (Relato do avô paterno, grifos nossos).

A Avó paterna relatou sobre as influências genéticas e ambientais, que uma complementa a outra.

“Eu acredito que também, que tudo tem porcentagens e que cada ser humano recebe uma de uma forma, não vou te dizer que tu receba 10% de genética, que não é né, claro que não, e o meio ambiente, as duas coisas influenciam. A genética é importante também, ela participa bem direto, o meio ambiente molda e a genética está ali [...]” (Relato da avó paterna, grifos nossos).

Mosquera, Stobäus e Freitas (2013, p. 403) salientam que “cada pessoa, além de contar com uma carga genética determinada e única, vive experiências que fazem com que sua personalidade se configure de determinada maneira”. Assim, evidenciamos que cada indivíduo da família se caracteriza pelas suas peculiaridades, mas não deixando de herdar componentes genéticos que influenciem nas características das AH/SD.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho é uma tarefa desafiadora, pois sempre ficará a impressão de que ficou faltando algo ou que o que foi dito não foi o suficiente. Apesar disso, chega o momento de finalizar esse desafio desbravador que me instigou a pesquisar sobre essa temática no trabalho de conclusão de curso.

Inicialmente, retoma-se o objetivo geral que norteou essa pesquisa: compreender de que forma a família influencia geneticamente e/ou culturalmente o filho com altas habilidades/superdotação. Para buscar chegar ao objetivo proposto, a pesquisadora contou com a participação de seis participantes de uma família onde o filho era identificado com AH/SD. Os participantes da pesquisa foram: mãe, pai, avô materno, avô materna, avô paterno e avó paterna.

Além do mais, alguns instrumentos de coleta de dados serviram de apoio para nortear a realização da pesquisa, como a entrevista semiestruturada, utilizada para realizar a coleta de dados com os participantes. Foram feitas perguntas específicas para entender suas histórias de vida como também a relação com o sujeito com AH/SD e o convívio direto entre os familiares.

Primeiramente, é importante salientar que realizar esta pesquisa foi muito gratificante para a pesquisadora, pois teve a oportunidade de conhecer essas pessoas como também ser muito bem recebida por todos em cada residência, o que demonstrava a disposição dos participantes em auxiliar no desenvolvimento desse trabalho.

Os dados coletados no decorrer desta pesquisa foram muito ricos em informações como também tornaram possíveis algumas reflexões acerca da temática que foram sendo construídas ao longo do trabalho, as quais, neste momento, serão resgatadas.

O primeiro objetivo específico deste trabalho buscou narrar à história de vida familiar do sujeito com AH/SD. Para tanto, como referido anteriormente, participaram familiares de um sujeito identificado com AH/SD entre os quais participaram pais do sujeito e os avós paternos e maternos. Conforme o relato dos participantes, as histórias e vivências de cada um no período da infância e da adolescência foram abordados, ricos em detalhes. As escolhas profissionais também foram assuntos relatados pelos participantes. As suas escolhas e também a definição de suas

profissões, estas que foram caracterizadas desde muito cedo na vida de cada um.

Além disso, em relação às memórias da narrativa de vida, cada sujeito trouxe aspectos peculiares que ajudaram a delimitar as características que foram observadas no indivíduo com AH/SD, estas que passaram de geração a geração como os princípios familiares construídos do decorrer do tempo entre as famílias.

Apesar da separação dos pais do sujeito com AH/SD, ambas as famílias tendem a se preocupar e interessar pela vida e desenvolvimento de seu filho/neto. A mãe cuida somente do filho, já o pai apesar de não conviver diariamente com o filho, procura saber como está o desenvolvimento do mesmo, sendo participativo apesar de encontrar alguns percalços nesse caminho.

O segundo objetivo procurou investigar quais aspectos sociais influenciam no desenvolvimento do sujeito com AH/SD. Foram constatadas algumas peculiaridades nas falas dos familiares. A família é algo muito presente na vida do sujeito com AH/SD, os princípios são passados e mantidos na educação dele. Além disso, a mãe tende a proporcionar de várias maneiras uma qualidade de vida satisfatória para o filho, uma vez que após o conhecimento das necessidades dele, a mesma procurou estudar para melhor compreender essas características. Atividades extras como, projeto de extensão, natação e teatro foram primordiais para o desenvolvimento do mesmo.

Ainda, verificou-se que ambas as famílias, materna e paterna, tendem a ser participativas e colaborativas no que diz respeito a educação e qualidade de vida ofertado para o sujeito com AH/SD.

O último objetivo almejou analisar de que modo os fatores genéticos influenciaram nas características de AH/SD identificadas no sujeito pesquisado. Esse objetivo foi primordial nas falas dos participantes, visto que esse assunto gera uma discussão pertinente e diferente entre os membros das famílias entrevistadas. Nesse sentido, concluiu-se que sim existem influências tanto genéticas como ambientais nas características de AH/SD desse sujeito.

Os resultados advindos dessa busca revelaram dados significativos em relação a essa temática. Todos os participantes afirmaram que sim, existem influências ambientais e genéticas. O meio em que vivem são fortes ambientes estimuladores. Além disso, a genética tem um fator primordial na manifestação das AH/SD no sujeito aqui participante.

Desse modo, ao finalizar as considerações da presente pesquisa e ao retomar o objetivo geral estipulado para esse trabalho, concluiu-se que a família influencia geneticamente e culturalmente o indivíduo com AH/SD.

Acredita-se que o meio também tem uma forte colaboração nesses aspectos, porém o meio é um alicerce para a genética se concretizar nessas características que não são vistas e muitas vezes não compreendidas entre a sociedade.

Portanto, ao finalizar esse trabalho de conclusão de curso, a pesquisadora propõe algumas ações com o intuito de tornar mais visíveis essas características de AH/SD não somente no âmbito familiar, mas também em todos os ambientes que o sujeito vive. Faz-se necessário o conhecimento não somente dos familiares, como também da sociedade, da escola para terem conhecimento desses sujeitos que muitas vezes passam despercebidos e não recebendo um atendimento que favoreça suas habilidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, S.; MARTORELL, M.; TARRAGÓ, S. **La realidade de una diferencia: los superdotados** – diagnóstico, asesoramiento, atención escolar, integración social. Barcelona: Terapias Verdes, 2006.

BARTOSZECK, A. B. Neurociências, Altas Habilidades e implicações no currículo. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 50 | p. 611-626 | set./dez. 2014 Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, Brasília, 2008.

_____. **Decreto 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm Acesso em: 27 de novembro de 2017.

CHAVES, U. H. Família e parentalidade. In: CERVENY, C. M. de O. (org). **Família e...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos no divórcio, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 3, p. 47-62.

CUPERTINO. C. M. B. **Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos**. Secretaria da Educação. CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2008. Disponível em: http://www.christinacupertino.com.br/arquivos/Altas_habilidades.pdf Acesso em 27 de novembro de 2017.

DESSEN, M. A. C. & COSTA JR., A. L. (2005). **A ciência do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed.

DELOU. C. M. C. O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: volume 3: o aluno e a família/ organização**: Denise de Souza Fleith. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FREITAS, S.N.; PÉREZ, S. G. Pérez B. **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento educacional especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

FREEMAN, J., & GUENTHER, Z. C. (2000). **Educando os mais capazes: Idéias e ações comprovadas**. São Paulo: EPU.

GANIKO, R. O.; ORTEGA, L. M.; SCHROEDER, S. R.; LEBLANC, J. M. Intervenção precoce à distância e acompanhamento por familiares de crianças e bebês em situação de risco de problemas de desenvolvimento e de comportamento agressivo

no Peru. **Revista Educação Especial** | v. 26 | n. 47 | p. 541-556 | set./dez. 2013 Santa Maria Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

GALANO, M. H. Família e história: a história da família. In: CERVENY, C. M. de O. (org). **Família e...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos no divórcio, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 7, p. 115-147.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

_____. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GONÇALVES, F. C.; FLEITH, D S. O que alunas superdotadas e não superdotadas pensam sobre inteligência e criatividade. In.: FLEITH, D. de S. **Superdotados: trajetórias de desenvolvimento e realizações**. / Denise de Souza Fleith, Eunice Maria Lima Soriano de Alencar. / Curitiba: Juruá, 2013. Cap. 2, p.25-39.

GRZYBOWSKI, L. Famílias monoparentais – Mulheres divorciadas chefes de família. In: WAGNER, A. **Família em Cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LEONESSA, V. T.; MARQUEZINE, M. C. O perfil dos profissionais da Unidade de Apoio à Família dos núcleos de atividades de altas habilidades/superdotação. **Revista Educação Especial** | v. 29 | n. 56 | p. 653-666 | set./dez. 2016 Santa Maria Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

LOBO, L. F. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOSQUERA, J. M.; STOBÄUS, C. D.; FREITAS, S. N. **Altas habilidades/superdotação: abordagem ao longo da vida**. Revista Educação Especial | v. 26 | n. 46 | p. 401-420 | maio/ago. 2013. Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Ciência, técnica, e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 9-29.

OUROFINO, V. T. A. T; GUIMARÃES. T. G. Características Intelectuais, Emocionais e Sociais do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para alunos com altas**

habilidades/superdotação: volume 1: orientação a professores/ organização: Denise de Souza Fleith. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

OLIVEIRA, M. P. de. Expectativas da família em relação à escolarização do seu filho com altas habilidades. **Dissertação** (Mestrado em Educação). 2009, 128 f. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009. Disponível em: http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_arquivos/18/TDE-2010-02-09T115754Z-2428/Publico/OLIVEIRA,%20MARILU%20PALMA%20DE.pdf Acesso em 07 de novembro de 2017.

OSORIO, L. C. **Casais e famílias:** uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano/** Diane E. Papalia, Sally Wendkos Olds, Ruth Duskin Feldman; [tradução José Carlos Barbosa, Carla Versace, Mauro Silva]. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

PEREIRA, Vera Lúcia Palmeira; GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. Programas Educacionais para alunos com altas habilidades. In: FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. (Orgs.) **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades:** orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 163-175.

RENZULLI, J. O que é essa coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**, v. 27, n.1, p.75-131, Jan./Abr. 2004.

_____. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial**. v. 27, n. 50, set./dez.. 2014. Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acessado em: 07 de nov. de 2017.

_____. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 50 | p. 539- 562 set./dez.. 2014. Santa Maria. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acessado em: 22 de outubro de 2017.

RECH, A. J. D. Relação Família-escola: Uma Parceria para a Inclusão de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. **Tese** (Doutorado em Educação). 2016. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, 2016.

SABATELLA, M. L; CUPERTINO, C. C, B. Práticas Educacionais de Atendimento aos Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. In. FLEITH, D. S (Org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 299-318. V.1.

_____. Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação. In: FLEITH, A. de S.; (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação: Volume 1 – orientação a professores.** Brasília: Ministério da Educação. 2007. Cap. 5, p. 67-80.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VIRGOLIM, A. M. R. O que as palavras querem dizer? As diferentes terminologias e definições na área. In: VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais** / Angela M. R. Virgolim – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

WEBER. L. N. D. **Interações entre família e desenvolvimento.** In: WEBER. Lidia N. D. **Família e desenvolvimento: visões Interdisciplinares.**/ Lidia N. D. Weber (Org.). / Curitiba: Juruá, 2008.

WAGNER, A. Et al. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Mai-Ago, 2005, Vol. 21 n. 2, p. 181-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf> Acesso em 15 de novembro de 2017

WAGNER, A.; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In: Wagner, A. (Org). **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões.** Porto Alegre: Artmed, 2011, cap. 1, p.19-35.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: mitos e realidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução Ana Thorell, 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXO

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: As influências da Família e suas Implicações no Desenvolvimento do Sujeito com Altas Habilidades/superdotação

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Andréia Jaqueline Devalle Rech

Pesquisadora responsável: Cássia de Freitas Pereira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Educação Especial – Centro de Educação.

Telefone e endereço postal completo: (55) 99925 8955; (55) 99928 2825. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Avenida Roraima, 1000, prédio 16, 97105-900 - Santa Maria – RS.

Local da coleta de dados: Residência dos participantes

Prezado(a) Senhor(a)

Eu, Andréia Jaqueline Devalle Rech, responsável pela pesquisa intitulada “As influências da Família e suas Implicações no Desenvolvimento do Sujeito com Altas Habilidades/superdotação”, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso pretende compreender de que forma a família influencia geneticamente e/ou culturalmente o filho com altas

habilidades/superdotação. Acreditamos que ela seja importante porque irá abordar a relevância dessa pesquisa, uma vez que a mesma pretende analisar as características das altas habilidades/superdotação presentes em familiares de gerações anteriores, buscando conhecer os aspectos genéticos e/ou culturais presentes nesses familiares. Diante disso, venho através desse documento solicitar sua participação na presente pesquisa respondendo a uma entrevista, sendo que, com sua permissão, a mesma será gravada e transcrita, possibilitando dessa forma que os dados coletados sejam transcritos fidedignamente tal qual foi respondido pelo Senhor(a), mantendo sua identidade preservada.

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: durante a realização da entrevista tem-se o risco de desconforto do entrevistado(a) e/ou fadiga do mesmo. Os benefícios que esperamos com este estudo é oportunizar um conhecimento amplo da história de vida dos familiares da criança com altas habilidades/superdotação como também compreender quais fatores pode influenciar nessa característica.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, ____ de _____, de 2017.

APÊNDICE

Apêndice A – Roteiro de Entrevista – Versão familiares

ENTREVISTA NARRATIVA – MÃE/PAI E AVÓS MATERNOS/PATERNOS

Informações gerais:

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Escolarização:
4. Profissão:

Perguntas:

1. Quais suas lembranças de infância? Que fato foi mais marcante e significativo?
2. O que você mais gostava de fazer quando era criança?
3. Como foi sua adolescência?
4. Você tem alguma memória que foi significativa nessa época? Qual foi?
5. Quais eram suas preferências?
6. Como era sua relação com as demais pessoas de sua vida? (amigos, familiares).
7. Sobre questões de aspectos profissionais, como optou por sua profissão (carreira)? Algo ou alguém influenciou?
8. E quais suas expectativas sobre ela?
9. Conte-me sobre sua trajetória profissional. Como se constituiu sua formação?
10. Quais são suas principais características: pessoais e sociais?
11. Sobre o [nome do sujeito identificado com AH/SD], de que forma vocês influenciam na vida dele?
12. A que vocês atribuem os comportamentos superdotados apresentados pelo [nome do sujeito identificado com AH/SD]?
13. Você acredita que a genética possa influenciar no desenvolvimento de uma pessoa com altas habilidades/superdotação?
14. E o meio ambiente, de que forma ele favorece o desenvolvimento das altas habilidades/superdotação?